

A representação subjacente dos glides pré-vocálicos em PB

Táise Simioni¹

¹Instituto de Letras – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

taisesimioni@yahoo.com.br

Resumo. *O objetivo deste trabalho é discutir a representação subjacente dos glides pré-vocálicos em português brasileiro (PB). A existência de glides em PB é inquestionável. Interessa-nos, então, verificar se tais glides são subjacentes ou derivados. Para tal, partimos da análise de Levi (2004), para quem glides subjacentes existem nas línguas do mundo, e comparamos processos do PB com processos do yawelmani, língua em que, segundo Levi, há glides subjacentes. Nossa finalidade é mostrar que, em PB, ao contrário do que acontece em yawelmani, glides e vogais não se comportam de maneira diferenciada. Desta forma, trazemos evidências para a hipótese de que os glides pré-vocálicos do PB são derivados.*

Abstract. *This work aims to analyze the underlying representation of prevocalic glides in Brazilian Portuguese (BP). The occurrence of glides in BP is undoubted. Thus, our interest is to assess whether these segments are underlying or derived. For that, we take the analysis of Levi (2004), for whom there are underlying glides in the languages of the world, as the starting-point, and compare processes of BP with processes of Yawelmani, a language in which there are underlying glides, according to Levi. Our aim is to show that in BP, contrarily to what happens in Yawelmani, glides and vowels don't behave differently. In this way, we bring evidences to the hypothesis that prevocalic glides in BP are derived.*

Palavras-chave: representação subjacente; glide pré-vocálico

Keywords: underlying representation; prevocalic glides

1. Introdução

Este texto tem o objetivo de analisar a representação subjacente de glides pré-vocálicos em português brasileiro (PB). Para tanto, discutiremos a análise de Levi (2004), segundo a qual há glides subjacentes nas línguas do mundo, ao contrário do que – desde os estudos de Clements e Keyser (1983), Levin (1985) e de outros autores da década de oitenta – parecia ser um quase consenso entre os fonólogos: a idéia de que glides seriam invariavelmente variantes posicionais de vogais. Levi (2004) propõe uma tipologia das línguas a partir do comportamento de glides e vogais altas. Com base nesta tipologia, buscamos verificar a que tipo pertence o PB. Justificando a tipologia proposta, Levi descreve e analisa vários processos de diferentes línguas com o objetivo de mostrar que, em tais processos, glides e vogais se comportam de maneira diferenciada. No presente trabalho, analisaremos apenas dois processos: a harmonia vocálica e a epêntese

em yawelmani. Nesta língua, glides não funcionam como gatilhos, bloqueadores ou alvos do processo de harmonia, diferentemente do que seria esperado se tais segmentos fossem vogais altas na subjacência. Com relação à epêntese, glides subjacentes provocam a inserção de uma vogal em determinados contextos. Seria difícil explicar por que esse processo ocorre se houvesse uma vogal na subjacência. Levando em consideração esses fatos, procedemos a uma comparação entre os processos mencionados acima e dois processos de natureza semelhante em PB. Ao fazermos isto, buscamos mostrar que não há evidências para a existência de glides subjacentes em PB. Por outro lado, parece haver evidências de que os glides do PB são derivados. Atestam isto a distribuição predizível de vogais altas e glides nesta língua e o processo de palatalização de [t] e [d]. Finalizamos nosso trabalho com uma discussão sobre a divisão proposta por Levi para as línguas nas quais não há glides subjacentes. Segundo a autora, tais línguas podem ser “normais”, quando a distribuição de glides e vogais é plenamente predizível, ou “vocálica”, quando há palavras com uma vogal em contextos em que seria esperado um glide. A ausência em PB de pares análogos que se distinguem, basicamente, pela alternância entre uma vogal alta e um glide, tais como os que parecem existir em espanhol e em italiano (cf. Harris e Kaisse (1999) e Hualde e Prieto (2002), para o espanhol, e Krämer (2006), para o italiano), por exemplo, são uma evidência de que o PB é uma língua “normal”.

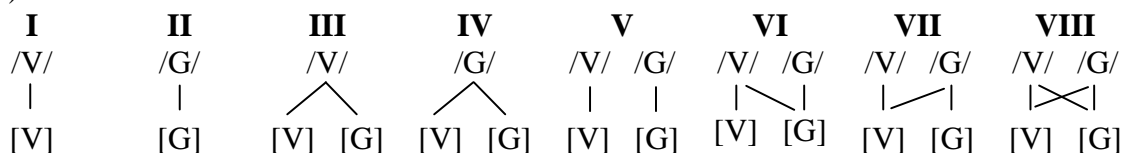
2. A tipologia proposta por Levi (2004)

Segundo Levi (2004), a “dualidade” no comportamento dos glides é um dos fatores responsáveis pelas mais variadas interpretações na literatura a respeito deste segmento. Glides apresentam características tanto de vogais quanto de consoantes. Para a autora, existem glides subjacentes, e estes se comportam como consoantes. Entretanto, a existência de glides subjacentes não implica, necessariamente, a ocorrência de diferenças fonéticas entre glides subjacentes e glides derivados. Levi (2004, p. 2) afirma que “esses dois tipos de glides têm diferenças estruturais subjacentemente, que também são mantidas na superfície”. Embora defenda a existência de glides subjacentes, a autora destaca que isto não significa que todas as línguas em que há glides derivados apresentam glides subjacentes. Como veremos adiante, este parece ser o caso do PB, ou seja, uma língua em que há, inquestionavelmente, glides derivados, mas na qual não há evidências para a existência de glides subjacentes. Nossa análise terá como foco os glides pré-vocálicos em PB.

Em sua análise, Levi (2004) se concentra na alternância entre vogais altas e glides ([i] ~ [j] ou [u] ~ [w]), embora a autora não negue a alternância entre vogais médias e glides¹ e a existência de glides médios ([ɔ] e [ɛ]). Considerando que vogais altas podem se realizar como vogais altas, como glides altos ou como ambos e que glides altos, da mesma forma, podem se realizar como vogais altas, como glides altos ou como ambos, Levi (2004, p. 9) propõe a tipologia de mapeamento apresentada em (1), em que V representa uma vogal alta e G, um glide.

¹ Esse tipo de alternância ocorre em PB, como, por exemplo, em soa – soava (s[o]ava ~ s[u]ava ~ s[w]ava), campeia – campeava (camp[e]ava ~ camp[i]ava ~ camp[j]ava).

(1)



Segundo Levi, entre as línguas em que há glide subjacente (tipos II, IV, V, VI, VII e VIII), o tipo mais comum é o V, aquele em que uma vogal é sempre realizada como uma vogal e um glide é sempre realizado como um glide. Para a autora, esta predominância poderia ser explicada por uma maior estabilidade deste sistema, o que geraria menos confusão entre os segmentos subjacentes.

Levi não encontrou em sua análise línguas que representassem os tipos IV e VII. Uma possível explicação para a não-ocorrência do tipo IV, segundo a autora, é o fato de que ele reúne duas condições bastante raras nas línguas do mundo: a inexistência de vogais altas subjacentes e a ocorrência de glides subjacentes. A ausência do tipo VII é explicada em função de haver uma outra possibilidade de análise para línguas em que alguns segmentos apresentam uma alternância entre vogal e glide na superfície, enquanto outros segmentos sempre se realizam como vogais. Tal alternativa de análise será mostrada adiante, quando for apresentada a discussão de Levi sobre a diferença entre línguas “normais” e línguas “vocálicas”.

Interessa-nos discutir a que tipo pertence o PB. Como veremos adiante, por um lado, não há evidências de que os glides do PB sejam subjacentes, e, por outro lado, há evidências de que eles sejam derivados, o que nos levará a argumentar a favor do tipo III para o PB.

3. Falta de evidências para a existência de glide subjacente em PB

Não parece haver, em PB, processos em que vogais e glides se comportem de maneiras diferentes. Nosso objetivo nesta seção é estabelecer um paralelo entre processos que parecem claramente apontar para a necessidade de se estabelecer uma diferença representacional subjacente entre esses segmentos e processos que trazem, ao menos, evidências negativas para a discussão sobre essa questão em PB. Dentre os processos discutidos por Levi (2004) como evidências da existência de glides subjacentes, selecionamos dois – harmonia vocálica e epêntese na língua yawelmani. Faremos, então, uma comparação com a harmonia vocálica e a epêntese em PB, com o objetivo de mostrar que nesta língua não há como atestar a ocorrência de glides subjacentes.

3.1. Harmonia vocálica

Em yawelmani, ocorre um processo de harmonia a partir do qual vogais de mesma altura (ambas as vogais precisam ser [+altas] ou [-altas]) harmonizam com relação ao traço [arredondado], conforme (2i), em que ocorre harmonia, e (2ii), em que o processo não ocorre porque a vogal da raiz e a do sufixo são de alturas diferentes. Os dados são de Kenstowicz (1994, p. 108).

(2i)

xat-al	‘comer-dubutivo’
--------	------------------

ko ² -ol	‘atirar-dubitativo’
xil-mi	‘emaranhar-gerundivo’
dub-um	‘levar pela mão-gerundivo’

(2ii)

xil-al	‘emaranhar-dubitativo’
dub-al	‘encontrar-dubitativo’
xat-mi	‘comer-gerundivo’
bok-mi	‘encontrar-gerundivo’

Diferentemente de uma vogal, como mostra Levi, um glide não funciona como gatilho (3i) (Archangeli, 1984, p. 263), como bloqueador (3ii) (Kenstowicz, 1994, p. 109, 110 e 112, respectivamente) ou como alvo (3iii) (Kenstowicz, 1994, p. 113) no processo de harmonia.

(3i)

bo:win-hin ²	*bo:wun-hun	‘armar uma armadilha-aoristo’
bown-it	*bown-ut	‘armar uma armadilha-aoristo passivo’

(3ii)

logw-ol	*logw-al	‘pulverizar-dubitativo’
mojn-ol	*mojn-al	‘ficar cansado-dubitativo’
jolo:w-ol	*jolo:w-al	‘reunir-dubitativo’

(3iii)

wu ² uj	*wu ² uw	‘pegar no sono (nome deverbal)’
--------------------	---------------------	---------------------------------

A partir dos dados, Levi (2004) mostra como quatro possibilidades de representação de glide subjacente explicariam a diferença de comportamento entre vogais e glides em yawelmani. As quatro possibilidades são marcação lexical, uso do traço consonantal (cf., por exemplo, Rosenthal (1994)), *Vowel-Place Theory (VPT)* (cf. Clements e Hume (1995)) e *Revised Articulator Theory (RAT)* (cf. Halle, Vaux e Wolfe (2000)). Como veremos, VPT e RAT dão conta dos dados de harmonia do yawelmani.

Levi (2004) afirma que a proposta da marcação lexical pode ser representada por análises segundo as quais há uma camada CV entre a camada da sílaba e a camada melódica, como aquela de Clements e Keyser (1983). Para estes autores, a diferença entre glides e vogais reside na sua afiliação à camada CV: vogais afiliam-se a V, enquanto glides, a C. A afiliação de glides a uma posição C os impede de ocuparem o núcleo de uma sílaba. A proposta da marcação lexical, segundo a qual os glides subjacentes são marcados para não constituírem núcleo de sílaba, prediz que vogais e glides possuem os mesmos traços, diferenciando-se apenas pela estruturação silábica. Se vogais e glides subjacentes possuísem os mesmos traços, seria esperado que glides também funcionassem como gatilhos, bloqueadores e alvos do processo de harmonia, ou

² A raiz de ‘armar uma armadilha’ é /bo:wn/. Na forma de aoristo, uma vogal epentética é inserida, por um processo que veremos adiante. Em uma perspectiva de regras, a epêntese vocálica aplica-se antes da harmonia, o que significa que vogais epentéticas são atingidas pela harmonia. Na forma de aoristo passivo, há um processo de encurtamento, segundo o qual vogais longas se realizam como breves quando estiveram em sílaba fechada.

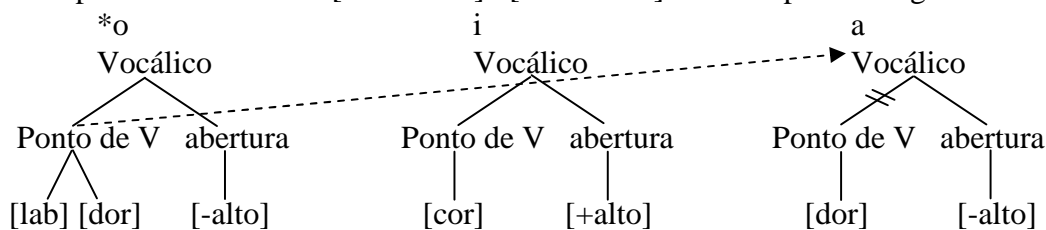
seja, a diferença na estrutura silábica entre vogais e glides subjacentes não é capaz de explicar os dados em (3).

De acordo com a proposta do uso do traço [consonantal], vogais subjacentes são [-consonantais] e glides subjacentes são [+consonantais]. Esta proposta é capaz de fornecer uma explicação para o comportamento do glide na harmonia, uma vez que seria possível formalizá-la como um processo que ocorre entre segmentos [-consonantais]. O glide, como um segmento [+consonantal] e, conseqüentemente, como qualquer consoante, não tem papel a desempenhar. Levando em consideração uma análise pela geometria de traços, entretanto, a mesma explicação não funcionaria. Tendo em vista que o glide teria um ponto de V, pois essa proposta prevê que a única diferença entre vogais e glides subjacentes é a especificação negativa e positiva, respectivamente, do traço [consonantal], não seria possível explicar, por exemplo, como esse ponto de V não espraia seu traço [arredondado].

Por VPT, os glides, ao contrário das vogais, não possuem nó vocálico. As representações em (4) e (5), retiradas de Levi (2004, p. 117), mostram como essa proposta explica o comportamento diferenciado de vogais e glides no processo de harmonia. A representação (4) demonstra como uma vogal subjacente é capaz de bloquear este processo, ao contrário do que acontece com um glide subjacente, conforme (5). Em (4), a vogal alta subjacente pode bloquear o processo, pois seu nó vocálico provocaria um cruzamento de linhas se houvesse o espraio. Ao mesmo tempo, a vogal alta não assimila os traços da vogal precedente porque elas não concordam no traço de altura. Em (5), a ausência do nó vocálico no glide subjacente torna possível o espraio, que ocorre porque as duas vogais subjacentes concordam em altura.

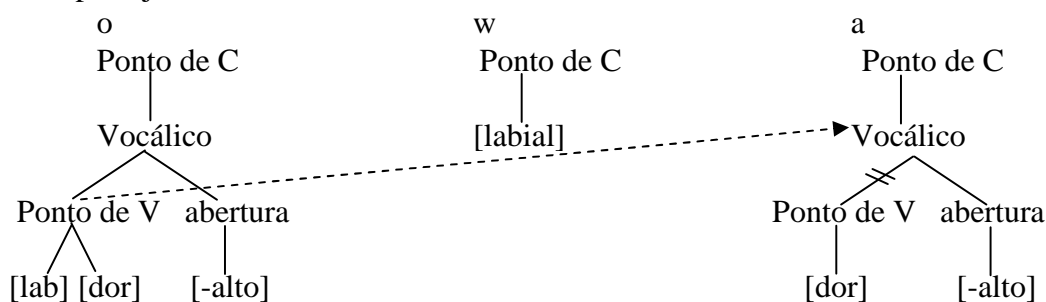
(4)

Exemplo: /mo:xil-ʔas/ → [mo:xil-ʔas] *[mo:xil-ʔos] ‘crescer-precativo gerundial’



(5)

Exemplo: [jolo:w-ol] ‘reunir-dubitativo’



Com relação à RAT, Levi (2004) afirma que a harmonia em yawelmani é um processo em que apenas os traços distintivos são visíveis. No sistema vocálico desta

língua, como mostra Levi (2004, p. 119), em (6), os traços [alto] e [arredondado] são distintivos, porque são os únicos que dividem as vogais em dois conjuntos iguais.

(6)

	i	a	o	u
alto	+	-	-	+
baixo	-	+	-	-
posterior	-	+	+	+
arredondado	-	-	+	+

Tendo definido os traços distintivos, Levi (2004) formaliza o processo como o espraiamento do traço [+arredondado], que terá como gatilho, bloqueador e alvo somente segmentos em que este traço é distintivo (o que exclui os glides e as consoantes). Desta forma, então, explica-se o comportamento diferenciado dos glides em yawelmani. Isto não significa que glides e consoantes não sejam especificados para o traço [arredondado], pois a proposta de Halle, Vaux e Wolfe (2000) tem como pressuposto a hipótese da especificação plena. A questão é a de que, para os glides, o traço [arredondado] não é distintivo, logo não será visto pelo processo de harmonia. De acordo com a proposta da RAT, as vogais e os glides derivados possuem o mesmo traço de articulador – o traço [dorsal], sendo necessário para distingui-las entre si outros traços. Com os glides o mesmo não ocorre, uma vez que /j/ apresenta [coronal] e /w/ apresenta [labial] como traço de articulador.

Há evidências, portanto, de que em yawelmani existem glides subjacentes. O comportamento diferenciado entre estes segmentos e vogais no processo de harmonia é explicado, como vimos, tanto com VPT quanto com RAT.

É importante destacar de que maneira Levi (2004) descarta a possibilidade de interpretar a harmonia em yawelmani como um processo que ocorre entre núcleos silábicos. Segundo a autora, deve-se buscar um tratamento mais universal para os casos de harmonia. Analisando dados do turco, Levi verifica que a harmonia nesta língua é um processo que faz referência a traços. Estrutura silábica, nesta língua, não pode explicar a harmonia, uma vez que glides subjacentes em coda não provocam o processo, mas laterais palatais em coda fazem isto. Em turco, as vogais dos sufixos concordam em anterioridade/posterioridade com a última vogal da raiz, conforme (7i), cujos dados são de Clements e Sezer (1982, p. 216). Glides subjacentes não provocam e não bloqueiam o processo de harmonia, conforme (7ii), cujos dados foram retirados de Levi (2004, p. 54). E, por fim, laterais palatais em coda podem provocar o processo, conforme (7iii), cujos dados estão em Levi (2004, p. 55). Assim, Levi defende a hipótese de que todo o processo de harmonia faz referência a traços e não a posições silábicas.

(7i)

Nom. sing.	Gen. sing.	Nom. pl. ³	
ip	ip-in	ip-ler	‘corda’

³ O ponto de articulação da consoante lateral do sufixo de nominativo plural depende da qualidade da vogal do sufixo: a lateral será palatal diante de vogais anteriores e alveolar diante de vogais não-antérieures.

kiz	kiz-in	kiz-lar			'garota'
pul	pul-un	pul-lar			'selo'
(7ii)					
Sing. ⁴	Pl.		Acus.		
koj	koj-lar	*koj-ler	koj-u	*koj-i	'enseada'
paj	paj-lar	*paj-ler	paj-i	*paj-i	'porção'
(7iii)					
Nom. sing.	Acus. sing.		Loc. sing.		
petroλ	petroλ-y	*petroλ-u	petroλ-de	*petroλ-da	'gasolina'

Passemos, então, ao processo de harmonia vocálica que ocorre em PB. Tal processo é variável e consiste na elevação de vogais médias pretônicas por influência de uma vogal alta em uma sílaba subsequente, como em *m[e]nino* ~ *m[i]nino*. Nosso objetivo é verificar se o glide é capaz de provocar a elevação da vogal média pretônica. Observemos os dados em (8).

(8)
 fer[ja]dão
 conf[jã]ça
 soc[je]dade
 ser[je]dade

Parece-nos que nessas palavras, ao menos para falantes do RS, é improvável que haja elevação da vogal média pretônica. Isso poderia ser um argumento favorável à hipótese de que há glides subjacentes em PB. Entretanto, a harmonia é um processo variável, como mencionamos acima, que apresenta baixa porcentagem de aplicação. Segundo Schwindt (2002), que analisou dados provenientes de diferentes cidades do RS, a porcentagem de aplicação da harmonia é de cerca de 40%. Além disso, podemos constatar a improbabilidade de elevação também em palavras em que há vogais altas plenas, como *rotina*, *colírio* e *coluna*. É interessante destacar que essas palavras apresentam consoantes velares como contexto que antecede a vogal média pretônica. Segundo Schwindt, tal contexto é favorecedor do processo de elevação. Para finalizar, torna-se necessário mencionar a questão da tonicidade. Schwindt mostrou que as variáveis tonicidade e contigüidade desempenham papel importante na harmonia vocálica. Vogais altas tônicas, como em *preguiça*, mostraram-se favorecedoras do processo, enquanto vogais altas átonas, como em *movimento*, mostraram-se desfavorecedoras. Com relação à contigüidade, vogais altas imediatamente adjacentes à vogal média, como em *bonita*, mostraram-se favorecedoras, ao passo que vogais altas não-contíguas, como em *negativo*, mostraram-se desfavorecedoras. Schwindt destaca que, entre contigüidade e tonicidade, o papel da primeira é preponderante, ou seja, vogais altas contíguas a vogais médias favorecem mais a harmonia do que vogais altas tônicas. Nos dados em (8), os glides são contíguos às vogais médias pretônicas, o que tornaria a elevação mais esperada. Não se pode, contudo, esquecer a natureza átona do

⁴ Ao que tudo indica, trata-se do caso nominativo singular e plural, respectivamente, embora Levi (2004) não traga esta informação.

glide. Nesses casos, então, parece haver um predomínio da variável tonicidade sobre a variável contigüidade.

3.2. Epêntese

Os dados em (9), retirados de Kentowicz (1994, p. 109), mostram o processo de epêntese que ocorre em yawelmani. Nesta língua, não são permitidos ataques e codas complexos. A vogal epentética, destacada em (9), serve, então, para desfazer as seqüências não-permitidas. Como mostra Levi (2004), tanto raízes terminadas em consoante quanto raízes terminadas em glide exigem a vogal epentética quando o sufixo anexado a elas começa por uma consoante.

(9)

	<i>Futuro</i>	<i>Dubitativo</i>	<i>Gerundivo</i>	<i>Não-futuro</i>	
/lihm-/	lihm-em	lihm-al	lihim-mi	lihim-hin	‘correr’
/logw-/	logw-em	logw-ol	logiw-mi	logiw-hin	‘pulverizar’

Segundo Levi (2004), se raízes como /logw-/ terminassem, na verdade, em vogal (/logu-/), não haveria a necessidade de uma vogal epentética, e teríamos *[logu-mi] e *[logu-hin], por exemplo. A autora não analisa a epêntese a partir das quatro possibilidades de representação porque somente processos que fazem menção ao nível dos traços são capazes de distinguir as representações, e este não é o caso da epêntese.

Em PB, também há epêntese vocálica. Vogais são inseridas para que consoantes que não obedecem ao padrão silábico do PB possam ser silabificadas. Na palavra *apto*, por exemplo, há um *p* que não pode ser silabificado por não formar uma coda permitida em PB. Então, uma vogal é inserida, e *p* passa a constituir ataque de uma nova sílaba. Não há em PB casos em que um glide provoque a inserção de uma vogal epentética. Diferentemente do yawelmani, como não há glides subjacentes em PB, raízes não podem terminar por este segmento e, conseqüentemente, não causam epêntese quando um sufixo iniciado por consoante é anexado.

Na próxima seção, trazemos evidências para a existência de glides derivados em PB.

4. Evidências para a existência de glides derivados

Não há dúvidas de que existem glides em PB. Nosso objetivo, nesta seção, é trazer evidências de que glides pré-vocálicos e vogais não possuem diferenças de comportamento. A distribuição predizível entre vogais e glides que ocorre no PB é um argumento favorável à hipótese de que os glides são derivados. Em línguas em que há glide subjacente, glides são encontrados nos mesmos contextos em que vogais ocorrem, não sendo possível, portanto, uma predizibilidade na sua distribuição. Além disso, o processo de palatalização de [t] e [d] mostra que glides e vogais não são distintos em termos de traços em PB, o que é mais um argumento favorável ao glide derivado.

Embora a formação dos glides em PB seja um processo variável, é possível estabelecer uma tendência geral para a realização de vogais altas, conforme os dados em (10). Quando estas vogais estiverem no contexto interconsonantal, a realização será com uma vogal alta. Neste caso, não há variação. Quando estas vogais estiverem diante de

outra vogal, a realização será com um glide⁵. Entretanto, quando estas vogais estiverem diante de outra vogal no contexto de início (absoluto ou não) de palavra, a realização será com uma vogal⁶. Os dados em (10) mostram, então, que a distribuição dos glides pré-vocálicos é predizível em PB, ao menos no que diz respeito a uma tendência de realização.

(10)

/piːa/ → [pi.ːa]
/afiado/ → [a.'fja.du]
/iato/ → [i.'a.tu]
/miado/ → [mi.'a.du]

O PB possui um processo cujo gatilho é uma vogal alta. Trata-se da palatalização de [t] e [d] diante de uma vogal alta, como em /tigre/ → [tʃigri] ou /divida/ → [dʒivida]. Esse processo ocorre também diante do glide [j], como observamos em (11).

(11)

/patio/ → [pa.tʃju]
/fatiado/ → [fa.'tʃja.du]
/asedio/ → [a.'se.dʒju]
/adiado/ → [a.'dʒja.du]

Vejamos o que seria esperado se houvesse glides subjacentes em PB e se as palavras em (11), por exemplo, possuísem estes segmentos no lugar da vogal alta subjacente. Como a palatalização é um processo que envolve o nível dos traços, marcação lexical e o uso do traço [consonantal] não teriam muito a nos dizer em função de que a posição silábica e o traço [consonantal] não parecem ser relevantes para a palatalização. Levando em consideração estas duas propostas de representação para o glide subjacente, a palatalização que ocorre em PB não é argumento favorável à hipótese de que os glides nesta língua são derivados. Entretanto, como mostra Levi (2004), essas representações são as menos interessantes em função de que não são capazes de explicar grande parte dos processos discutidos pela autora, uma vez que estes processos fazem menção ao nível dos traços e a traços diferentes do [consonantal].

Por VPT, diferentemente, podemos analisar a palatalização como um processo em que o ponto de V da vogal /i/, que é [coronal, **-anterior**], espraia-se para a consoante anterior, criando um segmento complexo. Como o glide não possui o nó vocálico, ele não pode espraia um ponto de V inexistente para a vogal anterior. Desta forma, se os glides em (11) fossem subjacentes, a palatalização não ocorreria. Falta-nos uma análise

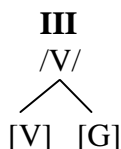
⁵ Há casos em que a vogal alta seguida por outra vogal recebe acento, como em *padaria*. Nesses casos, naturalmente, a realização da vogal alta subjacente será com uma vogal. Não discutiremos, neste momento, a relação entre a atribuição do acento e a realização de uma vogal como vogal ou glide, ou seja, por enquanto não defendemos a hipótese de que o acento determina a realização da vogal ou vice-versa. Harris e Kaisse (1999) fazem uma discussão interessante sobre a interação entre o acento e a formação do glide no espanhol falado na Argentina.

⁶ Não tentaremos, aqui, explicar este padrão (ver Simioni, 2005).

da palatalização pela RAT para que pudéssemos observar se, por esta proposta, o glide não seria gatilho do processo.

Pelo que expusemos acima, se, por um lado, não há evidências de que os glides pré-vocálicos do PB são subjacentes e, por outro lado, há evidências de que eles são derivados, chegamos à conclusão de que o PB pertence ao tipo III (12), ou seja, uma língua em que não há glides subjacentes e na qual a vogal alta pode ser realizada como glide ou como vogal alta, dependendo do contexto em que ocorre⁷.

(12)

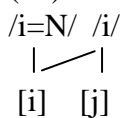


Para finalizar, na próxima seção discutimos uma distinção que Levi (2004) faz entre línguas “normais” e línguas “vocálicas”.

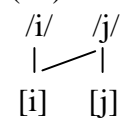
5. PB: “normal” ou “vocálico”?

Levi (2004) dedica um capítulo de sua tese às línguas que não possuem glides subjacentes. Segundo a autora, estas línguas podem ser divididas em “normais” e “vocálicas”. Ao primeiro tipo pertencem as línguas em que a distribuição entre glides e vogais é plenamente predizível. Nestas línguas, não aparecem contrastes entre vogais e glides. Ao tipo “vocálico” pertencem as línguas em que a distribuição entre glides e vogais é predizível, mas há palavras em que são encontradas vogais em contextos onde glides seriam esperados. Para Levi, tais palavras podem ser analisadas como possuindo uma vogal marcada para ser núcleo de sílaba. Nestas línguas, então, há vogais marcadas que nunca alternam com glide e vogais que alternam entre glides e vogais, conforme (13), em que “/i=N/” representa uma vogal alta marcada para ser núcleo. Esta situação, conforme Levi, aproxima-se do tipo VII de língua (14).

(13)



(14)



A autora explica que, para distinguir as representações em (13) e (14), seria necessária a constatação de processos que pudessem distinguir os traços dos glides subjacentes em relação aos traços da vogal subjacente. Se os segmentos que sempre se realizam como vogal são atingidos pelos mesmos processos que afetam os segmentos alternantes, então há evidências para (13). Por outro lado, se os segmentos que sempre se realizam como vogal são afetados por processos que não atingem os segmentos

⁷ Nesta discussão, não analisamos os casos de *qu* e *gu* seguidos de *a* ou *o*, como em *quarto* e *guaraná*. Também não analisamos os casos da seqüência [sjo], como em *nacional*. Em ambas as situações, parece haver uma realização categórica com ditongo.

alternantes, há evidências para (14). Conforme mencionamos acima, Levi não encontrou línguas que representassem o tipo VII.

O espanhol, segundo Levi (2004), é um exemplo de língua “vocálica”, como atestariam os pares análogos em (15). Os exemplos são trazidos por Harris e Kaisse (1999, p. 123)⁸ e pertencem ao castelhano *standard*. O <h> representa a letra *h* que não tem reflexos na fala.

(15)

Z[u.'a]vo	‘nome próprio’	s[‘wa]ve	‘suave’
s[u.'e]co	‘sueco’	z[‘we]co	‘sapato de madeira’
<h>[u.'i]da	‘fuga’	c[‘wi]da	‘ele/ela cuida’
<h>[u.i]dízo	‘fugidio’	c[wi]dádo	‘cuidado’

Harris e Kaisse (1999) e Roca (1997) tratam esses casos em que há uma vogal onde um glide seria esperado como palavras em que a vogal alta é marcada para ser núcleo de sílaba. Harris e Kaisse, entretanto, mencionam um processo de “desnuclearização”, pelo qual vogais altas deixam de ser núcleos e passam a ocupar as margens de uma sílaba. Segundo Harris e Kaisse (1999, p. 139), a partir deste processo, “contrastos como <h>[u.'i]da vs. c[‘wi]da [...] neutralizam-se como <h>[‘wi]da e c[wi]da sob condições de velocidade da fala e registro, que variam entre os dialetos”.

Levi destaca que apenas a presença de pares como os de (15) não é suficiente para que se admita que uma determinada língua possui glides subjacentes. Para isto, é necessário, como vimos acima, a existência, nesta língua, de processos que façam referência ao nível dos traços e que distingam vogal e glide subjacente por atingirem os dois segmentos de maneira diferente.

O PB não possui pares análogos como os observados acima ou como os do italiano, apresentados em (16). Os dados são de Krämer (2006, p. 6). Isto nos leva a concluir que o PB pode ser classificado como uma língua “normal”, uma vez que não há vogais em contextos onde um glide seria esperado. Ao menos, não há casos em que isto ocorra sistematicamente. Por ser um processo variável, naturalmente encontram-se ditongos em início de palavra, como, por exemplo, em [‘fja.po], mas não há palavras em que o ditongo seja a norma em início de palavra.

(16)

fiala	[‘fja.la]	‘frasco’	viale	[vi.'a:le]	‘avenida’
diavolo	[‘dja.vo.lo]	‘diabo’	dialogo	[di.'a.lo.go]	‘diálogo’
piano	[‘pja.no]	‘plano’	piano	[pi.'a:no]	‘de Pio’
piovere	[‘pjɔ.ve.re]	‘chover’	pioniere	[pi.o.'njeɪ.re]	‘pioneiro’

6. Consideração finais

É consenso na literatura a hipótese de que não há glides pré-vocálicos subjacentes em PB. Trabalhos como os de Bisol (1999) afirmam que o ditongo crescente em PB é constituído subjacentemente por duas vogais e analisam como o processo de ditongação

⁸ Os dois primeiros pares também estão presentes em Hualde e Prieto (2002, p. 219).

ocorre. Não há, entretanto, uma discussão mais alongada sobre as evidências para esse tipo de representação. Nosso trabalho, embora se baseie em algo que é consensual, teve como objetivo trazer suporte à hipótese da ausência de glides pré-vocálicos subjacentes em PB. Não há evidências definitivas a este respeito, mas há vários indícios de que glides e vogais altas compartilham os mesmos traços, o que os torna indistinguíveis para os processos que atingem estes segmentos em PB.

7. Referências

ARCHANGELI, Diana. *Underspecification in Yawelmani phonology and morphology*. Tese (Doutorado), MIT, 1984.

BISOL, Leda. A sílaba e seus constituintes. In: NEVES, Maria H. de M. (org.). *Gramática do português falado*. São Paulo: Humanitas; Campinas: Editora da UNICAMP, 1999. p. 701-742.

CLEMENTS, George; HUME, Elizabeth. The Internal Organization of Speech Sounds. In: GOLDSMITH, J. *The Handbook of Phonological Theory*. Oxford: Basil Blackwell, 1995.

CLEMENTS, George N.; KEYSER, Samuel J. *CV phonology: a generative theory of the syllable*. Cambridge, MA: MIT Press, 1983.

CLEMENTS, George N.; SEZER, Engin. Vowel and consonant disharmony in Turkish. In: van der HULST; SMITH, N. (eds.). *The structure of phonological representation* (part 2). Dordrecht: Foris, 1982. p. 213-255

HALLE, Morris; VAUX, Bert; WOLFE, Andrew. On feature spreading and the representation of place of articulation. *Linguistic Inquiry*, 31, 3, p. 387-444, 2000.

HARRIS, James W.; KAISSE, Ellen M. Palatal vowels, glides and obstruents in Argentinian Spanish. *Phonology*, 16, p. 117-190, 1999.

HUALDE, José Ignacio; PRIETO, Mónica. On the diphthong/hiatus contrast in Spanish: some experimental results. *Linguistics*, 40, 2, p. 217-234, 2002.

KENSTOWICZ, Michael. *Phonology in generative grammar*. Oxford: Blackwell Publishing, 1994.

KRÄMER, Martin. *What kind of species are Italian glides?* Talk presented at the workshop “Phonological Bases of Phonological Features”, 28-29 September 2006, CASTL, Tromsø.

LEVI, Susannah V. *The representation of underlying glides: a cross-linguistic study*. Tese (Doutorado), University of Washington, 2004.

LEVIN, Juliette. *A metrical theory of syllabicity*. Tese (Doutorado), MIT, 1985.

ROCA, Iggy. There are no “glides”, at least in Spanish: an optimality account. *Probus*, 9, p. 233-265, 1997.

ROSENTHALL, Samuel. *Vowel/glide alternations in a theory of constraint interaction*. Tese (Doutorado), University of Massachusetts-Amherst, 1994.

SCHWINDT, Luiz C. A regra variável de harmonização vocálica no RS. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia (orgs.). *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p.161-182.

SIMIONI, Taíse. *A alternância entre ditongo crescente e hiato em português: uma análise otimalista*. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.